

COIMBRA • 2013

58

BOLETIM DE

**ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

MANUEL DA COSTA, POETA NOVILATINO (SÉC. XVI): O ELOGIO DA MONARQUIA HISPÂNICA ATRAVÉS DO CONFRONTO COM A ANTIGUIDADE CLÁSSICA.

SUSANA HORA MARQUES PEREIRA

Manuel da Costa, famoso jurisconsulto lusitano do século XVI, conjugou a perícia no Direito com o culto das Musas, tendo escrito alguns textos poéticos em latim. O casamento de figuras ilustres da sociedade da época, por exemplo, serviu-lhe de motivo inspirador, favorecendo ora a divulgação da expansão portuguesa, ora também o elogio dos reis e dos poderosos que a proporcionaram. O tom panegírico dos versos instigou este humanista a recorrer ao confronto constante dos seus contemporâneos com personagens históricas e míticas da Antiguidade, para valorização daqueles¹. Assim aconteceu com a princesa Joana de Castela, filha do imperador Carlos V, celebrada por altura das suas núpcias com o príncipe João, herdeiro do rei D. João III de Portugal, em 1552². No seu *carmen*, escrito em hexâmetro, Manuel da Costa deu voz

161

1 Este confronto e a valorização de figuras coevas é um procedimento usual desde a Antiguidade Clássica, como observa com oportunidade Ramalho, A. C. (1988), *Para a história do humanismo em Portugal I*. Coimbra: 28. A este propósito, cf. Curtius, E. R. (1955), *Literatura europea y Edad Media latina I*. Trad. de Alatorre, M. F. y Alatorre, A. México: 235-241.

Observe-se ainda que as digressões permitiam ao autor exibir a sua cultura mitológica e histórica, como era lugar-comum em obras renascentistas.

2 Esta aliança, muito desejada num reino preocupado com a sucessão ao trono, devido às mortes consecutivas dos filhos varões de D. João III e de D. Catarina, foi cantada também por António Ferreira, na égloga *Arquigâmia* e na *Ode aos príncipes D. João e D. Joana*, incluída no tomo I de *Poemas Lusitanos*. A propósito da celebração do amor destes príncipes, pais de D. Sebastião, cf. ainda António Ferreira, na égloga *Jânio*, bem como Diogo de Teive, em *A tragédia do príncipe João* (2010, 3ª ed.). Trad. de Soares, N. N. C., Coimbra.

ao divino Proteu para a narração dos acontecimentos festivos. A ida de D. João III ao Barreiro, na companhia do irmão, o infante D. Luís, e de várias figuras ilustres da corte, com a missão de ir buscar a noiva, que ali os aguardava, permitiu o elogio da frota real, bem como a descrição da beleza de D. Joana, laudatoriamente comparada a figuras míticas.

TEXTO

*...ecce triumphali uehitur super aequora pompa
cum socero, Caroli Quinti dignissima proles,
Ioanna. O qualem uultum, quae lumina cerno,
Nereides, quantum augusto decus emicat ore:
ut crines reuoluta aureos gemmisque coruscis
irradians, uenit in niuea pulcherrima ueste.
Talem inter Nymphas Phaeacum in littore quondam
Nausicaam, Alcinoos genitam, non uidit Vlixes.
Quid loquor? Aemonias pressit non talis arenas
nostra Thetis, regi Peleo tradenda marito.
(...)
Conspicuae filis bombycum et murice pinus
regalem stipant nauem. Non Aulide plures,
non sic compositas Danaei soluere carinas.*

(vv. 93-102 e 108-110)

162

PROPOSTAS PARA A EXPLORAÇÃO DO TEXTO

VOCABULÁRIO

- indicador de traços físicos (*uultum, lumina, ore, crines aureos*);
- expressivo de parentesco (*socero, proles, genitam, marito*);

- revelador de comemoração e de esplendor (*triumphali pompa, gemisque coruscis/ irradians, conspicuae*);
- alusivo a heróis e divindades (*Nereides, Nymphas, Nausicaam, Alcinoos, Vlixes, Thetis, Peleo*);
- identificador de figuras históricas (*Ioanna, Caroli Quinti*);
- relativo a povos e a lugares (*Phaeacum, Aemonias, Aulide, Danai*);
- alusivo à navegação (*nauem, carinas*);
- sugestivos de diferentes sensações (visuais: *cerno, irradians, non uidit*; cinéticas: *uenit, non pressit, soluere*).

ASPETOS MORFOLÓGICOS

- a declinação de *nauis*, *-is* (cf. acusativo *nauim* ou *nauem*);
- graus dos adjetivos: comparativo (*plures*); superlativo (*dignissima, pulcherrima*);
- pronomes:
 - *possessivo (*nostra*);
 - *interrogativo (*quid*).
- verbos depoentes (*loquor*);
- a 3ª pessoa do plural do perfeito do indicativo ativo (*soluere = soluerunt*);
- formas nominais verbais adjetivas: particípio presente (*irradians*); gerundivo (*tradenda*).

163

QUESTÕES SINTÁTICAS

- aposto, a concordar com ora com o sujeito *Ioanna* (*dignissima proles*), ora com o complemento indireto *marito* (*regi Peleo*);
- complementos circunstanciais:
 - *companhia (*cum socero*);

- *origem (*Alcinoos genitam*);
- *matéria (*filis (bombycum) et murice*);
- *lugar donde (*augusto ore, Aulide*);
- *lugar onde (*in littore*);
- oração subordinada temporal (*ut + indicativo*).

SUGESTÃO DE TRADUÇÃO

‘...eis que Joana, a digníssima filha de Carlos V, é transportada sobre as águas com o sogro, em cortejo triunfal. Oh, que semblante, que olhos vejo, Nereides, quanta beleza irradia da augusta face quando, soltos os loiros cabelos e resplandecendo com brilhantes jóias, avança numa veste branca de grande formosura! Ulisses, outrora, não viu tão bela Nausícaa, filha de Alcínoo, entre as Ninfas, na costa dos Feaces.

Que mais hei-de dizer? A nossa querida Tétis, quando devia ser confiada ao marido, o rei Peleu, não pisou com tal garbo as areias da Tessália.

(...)

Vistosos navios com velas de seda e de púrpura escoltam a nave real. Não fizeram os Dânaos navegar das costas da Áulide mais barcos, nem tão ornamentados!’

ELEMENTOS ESTILÍSTICOS

- aliteração, em particular de oclusivas, a sugerir um ambiente festivo (vv. 93-94);
- recurso ao superlativo do adjetivo na caracterização elogiosa da noiva (*dignissima, pulcherrima*);

- emprego de *ecce*, em início de verso (v. 93), a chamar a atenção para a personagem destacada, D. Joana, cujo nome surge também realçado no começo de um verso (v. 95);
- uso reiterado de termos com sentido exclamativo (vv. 95-96), para lá do recurso à interrogação retórica (v. 101), ilustrativos da admiração do narrador perante a beleza da figura elogiada;
- uso do discurso direto, com recurso ao vocativo (*Nereides*), a conferir maior vivacidade e emoção ao texto;
- comparação com exemplos paradigmáticos da Antiguidade clássica, marcada pela oposição verbal presente/ passado, para realce do momento e das personagens coevas (vv. 99-102 e 108-110).

QUESTÕES LEXICAIS

Confronto etimológico entre palavras latinas e portuguesas como *cerno/ discernir*; *crines/ crina*; *gemmis/ gemas*; *genitam/ progenitor*; *loquor/ eloquência*; *pressit/ impressionar*, *soluere/ dissolver*.

165

INTERTEXTUALIDADE

O confronto da época de Manuel da Costa com a Antiguidade clássica instiga a uma leitura de outros textos que tratam os mitos aos quais se faz alusão nos versos neolatinos do poeta português, nomeadamente:

- Nausícaa e Ulisses: *Odisseia*, em particular o canto sexto;
- Tétis e Peleu: Catulo, *Carmina* 64;
- partida da armada grega da Áulide em direção a Tróia: Eurípides, *Ifigénia em Áulide*.